

Sexualidade e gênero na pauta escolar: mediações com a literatura paradidática

Sexuality and gender in the classroom: mediations using the *paradidática* literature.

Andréa Costa da Silva
Universidade da Força Aérea
acostadasilva@gmail.com

Vera Helena Ferraz de Siqueira
Universidade Federal do Rio de Janeiro
verahfs@yahoo.com.br

Resumo

Com o objetivo de investigar a ocorrência de investimentos de saber/poder em ações pedagógicas envolvendo livros paradidáticos que abordem temas geralmente excluídos da pauta escolar, assumimos o referencial foucaultiano como lente teórico-analítica para pesquisar a trama discursiva produzida por docentes e jovens que utilizam esses livros para discutir sexualidade e gênero na escola. Através de entrevistas e grupos focais deparamo-nos com discursos em que as questões de sexualidade e gênero emergem dentro de uma normalização dos discursos “vigentes”, polarizando as discussões entre o que pode ou não pode ser dito. Diante dos enunciados, na descrição de atividades e mediações com a utilização do livro, notamos que esse artefato cultural – o livro paradidático - surge como uma alternativa para a incorporação de temas contemporâneos prementes na pauta escolar.

Palavras chave: Literatura escolar. Discurso. Sexualidade. Gênero. *Paradidático*.

Abstract

This study aimed at investigating knowledge/power investments in pedagogical actions involving textbooks that address themes often excluded from the school curriculum. We adopted the Foucaultian framework as an analytical tool to investigate the discursive plot produced by teachers and students concerning the ways these books are used to discuss sexuality and gender in school. Through interviews and focus groups we have identified speeches on the issues of sexuality and gender emerging within a normalization of the speeches in vigor, polarizing discussions between what can or can not be said. Considering the statements, in their description of activities and mediations using the book, we have identified this cultural artifact - the book *paradidático* - as an alternative for incorporation of pressing contemporary issues in the school agenda

Keywords: School literature. Discourse. Sexuality. Gender. *Paradidático*.

Introdução

A literatura paradidática que circula nas escolas vem ao encontro da necessidade de inserção de temas cotidianos na sala de aula por docentes de diferentes disciplinas. O “pacto” estabelecido entre literatura e escola (SOARES, 2003 e PAULINO, 1997) remonta de longa data e encontra reforço na demanda de narrativas ficcionais para a discussão dos Temas Transversais. Entretanto, as funções pedagógicas por vezes se sobrepõem a outros aspectos que poderiam ser observados, como a dimensão do prazer pela leitura, um desdobramento efetuado por mediações de leitura, por vezes muito direcionadas. Quando a temática posta em discussão é a questão da sexualidade, esta abordagem torna-se ainda mais direcionada, buscando atender à demanda e emergência de temáticas contemporâneas - como meio ambiente, sexualidade, gênero e etnia - em sala de aula. Tendo em vista estas questões, realizamos investigação buscando a ocorrência de investimentos de saber/poder em ações pedagógicas envolvendo livros paradidáticos que abordem temas geralmente excluídos da pauta escolar. Assim, analisamos os discursos docentes e discentes no desenvolvimento das mediações pedagógicas com este artefato de leitura, assumindo o referencial foucaultiano como lente teórico-analítica, por acreditarmos que o pensamento e a obra histórica e filosófica de Michel Foucault, mostram-se especialmente produtivos para a prática e a teorização no campo educacional. O livro paradidático é apropriado pelos/as docentes como um antídoto e/ou complemento à inadequação dos suportes didáticos disponíveis na escola, uma vez que de maneira contrária ao livro didático, a incorporação da literatura paradidática se deve geralmente à escolha pessoal do/a docente ou à adesão a determinado projeto desenvolvido na instituição escolar. Nesse sentido, a escolha e o modo de desenvolvimento das ações pedagógicas têm um caráter mais livre e eletivo do que as atividades atreladas ao livro didático, pois o livro didático agrega conteúdo do currículo formal, o que não ocorre com o paradidático, inclusive devido à natureza “transdisciplinar” de sua existência.

Neste trabalho apresentamos um recorte de pesquisa de tese de cunho qualitativo, baseada em pressupostos foucaultianos, em que se analisou o uso de livros paradidáticos para a abordagem de questões de sexualidade e gênero na escola. Nomeamos “Seguindo o fio do livro” o percurso percorrido para, a partir do livro didático, através de indicações, chegarmos aos/às professores/as que estavam na época utilizando-os em sala de aula para discutir questões relacionadas a sexualidade e gênero. Os dados foram obtidos através de 7 entrevistas com professores e 2 grupos focais com alunos, de 4 escolas do município do Rio de Janeiro, no segundo semestre de 2011 e primeiro semestre de 2012. No recorte aqui apresentado, focalizamos os significados construídos sobre “o pijama molhado” (nome do capítulo de um livro paradidático), trazendo à luz construções generificadas no desenvolvimento do tema e também na abordagem do livro. A análise foi baseada nos dados obtidos em um dos grupos focais e em uma das entrevistas, realizados em uma escola particular, conforme explicitado na seção referente à metodologia. O livro paradidático funcionou como fio condutor, potencializando e viabilizando novas pautas escolares. Esse é um aspecto evidenciado nos enunciados analisados, dialogando com os pressupostos foucaultianos que balizaram o estudo, em que as noções de sexualidade e gênero e o aparato saber/poder são apresentados. A seguir oferecemos breve discussão sobre o livro paradidático, sua presença e permanência no âmbito educacional, para então apresentar a metodologia do estudo, seus resultados e análise.

Paradidáticos: uma história para ler e ensinar na escola

Os objetos culturais, como os livros, inserem-se em um contexto amplo de posições ocupadas, em que poder e reconhecimento são sempre negociados. Kirchof (2008) apresenta um

panorama sobre a inserção da temática da diferença na literatura destinada a crianças e jovens a partir dos anos 1960 do século XX, quando analisa livros infantis que se detém sobre a temática:

No Brasil, em parte devido a essa tendência internacional no campo da crítica da literatura infantil e, em parte, devido às várias políticas de inclusão adotadas pelos governos federais e estaduais dos últimos anos, percebe-se uma nítida proliferação de obras destinadas ao público infanto-juvenil cuja principal temática está diretamente ligada à questão da diferença, com a presença de temas como a velhice, a infância pobre, vários tipos de deficiência física e mental, questões de raça e de gênero, entre outros. (KIRCHOF, 2008, p.61)

Coincidência ou não, o fato é que no Brasil seria justamente nesta época que os livros com recorte temático surgiram e também a sua denominação: “[...] é só na década de 1970 que surge a nova denominação para este tipo de livro e, conseqüentemente, os primeiros livros paradidáticos [...]” (MELO, 2004, p.15). O endosso dos pesquisadores da área faz coro com a observação de Munakata (1997) quando adverte que a nomenclatura de “livro paradidático” “[...] é um termo tipicamente brasileiro, mas agregando características parecidas com outras obras publicadas em outros países [...]”. (MUNAKATA, 1997, p.102). Ao que Melo acrescenta: “Se o termo pode ser uma construção editorial recente [...], porém livros de leitura contando narrativas ficcionais com o objetivo de ensinar conteúdos curriculares não o são, na história do livro para leitura das crianças na escola.” (MELO, 2006, p. 119). No entanto, Melo (2006) assegura que seria somente na década de 1970 que a denominação “livros paradidáticos”, criada pelos próprios editores, seria incorporada a este tipo de livro, e finaliza:

Deste modo, **paradidático** não é apenas um novo termo para um determinado tipo de livro, [...] há a criação de um novo produto cultural, uma nova fórmula editorial com objetivos específicos, buscando atender à demanda de um determinado tipo de público leitor, caracterizadamente escolar. [grifo da autora] (MELO 2006, p.121)

A autora contrapõe os livros paradidáticos infantis e os de literatura infantil que circulam na escola, afirmando ser possível constatar que: “A grande diferença entre eles, no entanto, pode estar no fato daqueles darem ênfase ao trabalho com algum conteúdo do currículo escolar e destacarem, já no texto introdutório, os seus objetivos pedagógicos [...]” (MELO, 2004, p.120). Levando em conta tais pressupostos, e tomando por objeto de investigação os livros paradidáticos de educação sexual endereçados à infância, Furlani (2005) preocupa-se em estabelecer um paralelo distintivo entre as categorias de livros didáticos e paradidáticos. Observa que são as duas categorias mais presentes no cotidiano escolar, e acrescenta que o livro paradidático também apresenta conhecimentos, como o didático, e serve ao ensino, mas “[...] seus conteúdos relacionam-se a temáticas que tangenciam as disciplinas do currículo oficial.”. Acrescenta ainda que os mesmos “[...] são vistos como um complemento aos livros didáticos, [...] e são elaborados especificamente para cada assunto [...]” (FURLANI, 2005, p.19). Tendo em vista tais pressupostos, é perceptível que não há uma unanimidade no conceito do que seria a literatura paradidática, entretanto concordamos com Melo (2004) ao considerar que mesmo não havendo um conceito em uníssono, o livro paradidático tem como característica primordial ser “[...] uma produção cultural com destino ao público escolar.” (MELO 2004, p.36).

Pensando neste publico específico, considerarmos que os temas - literatura, sexualidade e educação – presentes na pesquisa, mostraram-se interligados e são comuns nos discursos, nunca aparecem isoladamente e estão imbricados nas práticas que os produzem. Assim, trata-se de saberes e práticas que atingem a realidade mais concreta do indivíduo, seu corpo, e que,

devido a sua estratégia de expansão por toda a população, funcionam como procedimentos abrangentes de inclusão e exclusão social. Esta perspectiva é oferecida pelo projeto genealógico foucaultiano, na contramão de uma interpretação negativa do poder, interdição, soberania e negação de liberdade, para trabalhar com outra interpretação histórica do poder, em que este significa norma, produção e afirmação das resistências como forças e não exclusivamente repressão. Por esta via, Dreyfus e Rabinow (2005, p.155), assinalam que “A sexualidade e seu significado eram o principal meio através do qual o bio-poder se expandia.”. Neste aspecto se insere a relação estabelecida com as palavras e os interditos em relação ao dispositivo da sexualidade; as estratégias produtivas do “dizer-se” (FOUCAULT, 1988) nos trazem a questão habitual da “profusão discursiva” em torno do sexo. Este “dizer-se”, no entanto, não percorre livremente as esferas escolares, estes discursos estão comprometidos com regimes de verdade que os constituem, e muito mais que isso, eles constroem sistemas de exclusão. Sobre eles nos fala Foucault (2006, p. 19): “Dos três grandes sistemas de exclusão que atingem o discurso, a palavra proibida, a segregação da loucura e a vontade de verdade, foi do terceiro que falei mais longamente.”. Pensando nestas interdições do discurso e seus sistemas de produção de verdade, o autor pondera que elas não possuem uma regularidade específica “[...] e, inversamente, essas diferentes regularidades discursivas não reforçam, não contornam ou não deslocam os interditos da mesma maneira.” Deste modo Foucault nos faz pensar na formação de condições de possibilidade em que o mais importante seria as regularidades de produção de determinado discurso, pois para cada espécie de discursiva existe um sistema de coerção.

O “pijama molhado”¹ e outros debates: saberes e poderes na pauta escolar

Este artigo se baseia em dados obtidos em entrevista com a Professora Bruna, docente de Ensino Religioso em Escola particular, gerenciada por uma ordem religiosa, situada no bairro da Tijuca, município do Rio de Janeiro e em grupo focal com discentes, ambos gravados em áudio, em junho de 2012. A entrevista teve a duração de 1 hora; participaram do grupo focal 3 meninas e 3 meninos, de 12 a 15 anos, do 8º ano do Ensino Fundamental, todos/as alunos da referida professora, selecionados por docentes da escola e pela diretora. Os nomes dos sujeitos aqui mencionados são fictícios.

Assim, apresentamos parte dessa trama discursiva sobre a qual nos debruçamos buscando observar as condições de possibilidade e visibilidade existentes para que as questões de sexualidade e gênero circulassem na escola com a mediação do livro paradidático.

A professora nos conta que a dinâmica em sala de aula consistia na leitura intercalada de algum trecho de livro paradidático por meninas e meninos. A narrativa do livro do qual ela fez uso, “Sexo: a hora é agora?” (WENDEL, 2007) mistura ficção e informação e conta a história de quatro jovens que estão descobrindo a sexualidade em ritmos e situações diferentes. A docente nos conta ainda que adota o livro no 8º ano do ensino fundamental para abordar a temática da sexualidade na disciplina de Ensino Religioso, e que encontra abertura e autorização da direção da escola para discutir o assunto e adotar o livro, devido à Campanha da Fraternidade 2012 cujo tema é “Fraternidade e Saúde Pública”. Os/as participantes do grupo focal relatam quais aspectos do livro chamaram maior atenção e quais questões sobressaíram:

¹ Um dos capítulos do livro “Sexo: a hora é agora?”.

Mediadora: O que mais chamou atenção de vocês nos livros? Que tipos de questões surgem?

Michel: [...] **a masturbação fica bastante em debate, as pessoas ficam mais curiosas para saber e falam mais sobre isso**, um assunto que bombava, [...] numa coisa que é comum tipicamente do adolescente...

Melissa: É, **uma coisa comum que os adolescentes acham comum**, sabe?

Mirtes: O tema do livro já é uma coisa comum em todos adolescentes mesmo, que para alguns já é uma coisa mais assim, outras mais ausentes, **acontece com todo mundo**. Muitas vezes os adolescentes sentem insegurança, até porque todo mundo está passando por uma mesma fase, né? Então, [...] como ele falou, **é troca de informações...**

Mediadora: O que atrai mais é o tipo de temática? Agora, ilustração, tipo de encadernação, a cor, a capa, vocês percebem de alguma maneira?

Mirtes: Sim, pode até chamar a atenção, mas acho que a temática é que a tem mais... [...] todo mundo tem a mesma dúvida, igual, **as meninas ficam com medo de perder a virgindade e doer** [...], a gente vê que não é só a gente que tem as dúvidas, todo mundo tem, é normal para gente, porque para gente ficar com vergonha, **porque não é um tabu, é uma coisa natural...**

Observamos na entrevista da Professora Bruna, o relato de sua percepção do trabalho com livros paradidáticos, com ênfase sobre a multiplicidade de reações entre os jovens:

Entrevistadora: Você me contou que foi a 1ª vez que trabalhou com paradidático, o que você achou?

Professora Bruna: [...] Tem assuntos aqui que eu não esperava que fossem abordados da forma como eles estão abordando, não estariam sendo trazidos para sala de aula, porque provavelmente eles não estariam lendo, eles não estariam falando, a **questão do “pijama molhado”**, né? Como foi colocado em sala que o menino ejacula dormindo, porque nessa idade ele sonha que está tendo alguma atitude ou algum ato de prazer então ele vai ejacular. [...] Eu acho que para os meninos, mesmo que eles tenham se sentido envergonhados de estar lendo isso na sala [...] se sentem envergonhados, e eu acho que não é para sentir vergonha, e eu falei assim; “gente, nosso corpo é uma coisa, tudo que acontece nele é muito bom, é saudável, não tem nada de estranho em nada” e aí **eles ficam com aquelas carinhas, já as meninas, falam, né? Sobre a facilidade da menstruação...**

Entrevistadora: Mas tem alguma parte que elas ficam embaraçadas também?

Professora Bruna: Não! Foi muito fácil, **as meninas elas estão assim, muito mais descoladas para o assunto do sexo** do que os meninos para falar, né? Porque talvez, pode ser um lado de que elas se sintam tão envergonhadas que falam (risos)... Eu fico pensando, porque **a ejaculação para o menino, ela já está ligada ao prazer sexual, porque sexo ainda é tabu, isso é uma coisa que eu noto, eles não falam com facilidade sobre sexo**. [...]. **Vejo que as meninas são mais desinibidas para falar sobre as transformações do corpo, [...]o que eu tenho visto é que as meninas aceitam mais essa transformação do corpo como uma coisa que acontece e é delas**, os meninos não, eles sentem vergonha de falar a palavra “pênis”. Se tem a palavra pênis no livro eles já leem, **e daí diminuem a voz** (risos)[...]Isso é uma coisa que eu tenho notado muito, as meninas de todos os grupos são as que mais participam do debate. **Elas falam sobre as questões da TPM quando falam da menstruação**, os meninos quando se falou sobre a questão da ejaculação que tem uma parte no livro que fala que de noite ele sonhou daí o irmão viu que **ele estava todo molhado, “molhando o pijama”**, aí, os meninos se retraem, eles não gostam muito, né? Não igual às meninas, as meninas quando fala da menstruação não, tem até presente: “minha mãe deu até presente”, elas falam isso como uma coisa própria delas, os meninos não, não falam. E a gente, nota isso, que a sociedade, né? **Cria meninos e meninas, MAS de maneira diferente, né?**

Nos excertos anteriores observamos a hierarquia estabelecida em se tratando do conhecimento escolar sobre sexualidade: a temática “masturbação feminina” parece obscurecida em relação a outros assuntos. O tema emerge de forma “natural” no livro quando se refere ao público

masculino e é silenciado quando se trata da esfera feminina, e neste sentido Louro (2008, p.18) nos diz: “A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais”. Nesta perspectiva, o caráter relacional que o conceito de gênero apresenta fica imbricado nas práticas e ações que o fazem elemento chave para entender as relações de poder. Assim, proliferam cada vez mais os discursos sobre o sexo que as sociedades continuam produzindo, e no desdobramento disto a escola não poderia ficar ausente, como mais uma vez nos diz Louro, referindo-se à construção das diferenciações de gênero:

Não se trata de negar a materialidade dos corpos, mas sim de assumir que é no interior da cultura e de uma cultura específica que características materiais adquirem significados. Como isso tudo aconteceu e acontece? Através de que mecanismos? Se em tudo isso estão implicadas hierarquias e relações de poder, por onde passam tais relações? Como se manifestam? Não, a diferença não é natural, mas sim naturalizada. A diferença é produzida através de processos discursivos e culturais. A diferença é “ensinada”. (LOURO, 2008, p.22)

Avançando sobre este aspecto, retomamos as discussões no tópico do “pijama molhado” comentado pela professora Bruna. Sobre ele, os/as alunos/as nos contam:

Mediadora: Tem mais alguma coisa que vocês vivenciam nas aulas sobre esse assunto que vocês gostariam de falar? Uma parte do livro que dava muita risada e **muita discussão** foi da parte “do menino, do pijama”, a Bruna [professora] falou: “**esse assunto aqui é terrível porque eles falam muito, todo mundo ri...**”.

Murilo: [...] todo mundo ri, leva na brincadeira, na palhaçada. O nome do tópico é “pijama molhado”, **muita gente leva na brincadeira e não tem maturidade suficiente para falar com ela sobre isso...**

Mediadora: Mas aí quando fala da menstruação da menina, o pessoal ri também?

Murilo: **Não, aí é diferente**, as meninas ficam caladas e os meninos querem saber, tem curiosidade para saber como é isso...

Mirtes: No 8º ano eu tinha vergonha, eu ficava: “aí cara”, as minhas amigas, elas não tinham acontecido com as minhas amigas ainda, eu falava: “ai meu Deus, sou um ET, não é possível!”, aí no 9º ano, que todas as minhas amigas já tinham menstruado, **isso é normal, cara!** (risos) e aí eu não vejo problema em falar sobre!

No caso da análise que estamos empreendendo é possível questionar de que maneira os textos presentes nos livros e os significados construídos, presentes nos excertos anteriores, estão comprometidos com estes modos de perceber e se constituir como homens e mulheres. Podemos notar que o corpo feminino é matriz das observações de natureza biológica, os aspectos naturalizados nas falas dos/as jovens revelam o embaraço com a ejaculação noturna, mas uma suposta “naturalidade” em relação ao tema da menstruação, tema valorado pela professora e pelas meninas. Neste sentido, utilizamos o conceito de gênero em seu caráter relacional, referindo-se ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas, visando “rejeitar um determinismo biológico implícito no uso dos termos como sexo ou da diferença sexual” (SCOTT, 1995, p.72); através da linguagem, por exemplo, podemos perceber o caráter social das distinções baseadas no sexo. A introjeção dessa estrutura define nossos modos de perceber o mundo, interpretar a cultura e estabelecer parâmetros de relacionamento. A importância de perceber a dinâmica dos elementos descritos por Scott se deve à possibilidade de despolarizar construções estáticas e reconhecer a participação do processo de produção simbólica como elemento dinâmico, central na construção identitária. Rohden (2001) nos aponta que a medicina do sexo focalizará

principalmente a mulher, em que o corpo feminino seria percebido em toda sua “vocação” para a reprodução, pois além de tratar das ocorrências dos órgãos reprodutivos preocupava-se com uma verdadeira ciência da feminilidade e da diferenciação entre homens e mulheres. A autora assinala para o descompasso entre as percepções do corpo masculino e feminino: “A questão em jogo, portanto, é uma assimetria que se coloca na prática, que aponta para uma relação particular entre medicina e a mulher, para uma maior medicalização do corpo feminino em contraste com o masculino” (ROHDEN, 2001, p.38). No caso do gênero feminino, supunha-se que sua natureza favorecia a ocorrência de patologias, sendo muito vulnerável a perturbações e desordens. Para a autora, no começo da era moderna o corpo feminino recebe a ênfase nos órgãos sexuais reprodutivos, com foco na fisiologia e na anatomia para inscrever o lugar “naturalmente” inferior das mulheres na sociedade, justificando sua permanência no espaço privado. Assim, com a perspectiva apresentada, podemos perceber que as abordagens acabam constituindo-se em enfoque diferenciado; a professora Bruna nos diz: **elas estão assim, muito mais descoladas, [...] as meninas são mais desinibidas para falar sobre as transformações do corpo, ao passo que se tem a palavra p nis no livro eles já leem, e daí diminuem a voz.** O episódio do “pijama molhado” traz à luz essa diferenciação no desenvolvimento do tema e também na abordagem do livro. Tais jogos de saber-poder trazem à baila a questão do/a jovem que tem d vidas sobre aspectos da sexualidade e busca na escola, instituição oficial de ensino, a possibilidade de saná-las de forma satisfatória. Se para a professora Bruna: “as “meninas” falam isso [menstruação] com muita propriedade, em sala de aula”, os espaços de silêncio também existem, e são evidenciados quando observamos inclusive o suporte de leitura utilizado, pois se o “pijama molhado” é apresentado em três páginas, a masturbação feminina não recebe o mesmo tratamento.

Conclusão

  possível perceber que a literatura paradidática serviu para problematizar as questões de gênero e sexualidade, e de alguma forma, desconstruir os mecanismos sutis que a cultura produz na legitimação das masculinidades e feminilidades; as questões acerca das identidades de gênero são evidenciadas e debatidas. Acreditamos que este é o primeiro passo em um longo processo, pois não se trata somente de analisar as práticas e os discursos, mas de reconhecê-los como uma realidade histórica em sintonia com jogos de poder-saber. O que temos neste enfoque não são apenas as formas sob as quais são permitidas condições de existência de discursos que instituem saberes e poderes, mas também como a instituição escolar e seus sujeitos constituem individualidades, fomentando subjetividades que se pensam únicas e indivisíveis. Assim, a escola enquanto instituição cria posições de sujeito subordinadas a um todo social, em que a preocupação docente com a sexualidade dos/as jovens prevalece sobremaneira. Podemos notar que o livro paradidático surge como uma alternativa para a incorporação de temas contemporâneos prementes na pauta escolar. As discussões, no entanto, permanecem polarizadas e esta situação poderia ser diferente se houvesse maior investimento em suportes de leitura que se deslocassem para abordagens com o perfil menos diretivo, incorporando outras temáticas ou novas abordagens, que oferecessem alternativas ao ensino de ciências e saúde presentes na pauta escolar. Tal investimento seria importante, uma vez que acreditamos que cada indivíduo constrói a masculinidade ou a feminilidade de forma contínua e dinâmica, traduzindo e interpretando as características do que sua cultura considera como certo ou errado. Esses processos prosseguem e se complementam através de tecnologias de autodisciplinamento e autogoverno exercidas pelos

sujeitos sobre si próprios, havendo um investimento continuado e produtivo dessas tecnologias na determinação de formas de ser ou “jeitos de viver” sua sexualidade e seu gênero. Acreditamos que mesmo que a discussão da sexualidade do/a jovem esteja atrelada a fortes aparatos de saber/poder e produção de verdade, evidencia-se também o investimento docente em trazer para o espaço escolar, por escolha própria, uma discussão que poderia ser adormecida no agitado fazer escolar.

Referências

DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. **Michel Foucault. Uma trajetória filosófica.** Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FOUCAULT, M.. **A ordem do discurso.** 13. Ed. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. **História da sexualidade I.** São Paulo: GRAAL, 1988.

FURLANI, J.. **O Bicho vai pegar! – um olhar pós-estruturalista à Educação Sexual a partir de livros paradidáticos infantis.** 2005. 272 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2005.

KIRCHOF, E.; SILVEIRA, R. M. H.. Professoras moralizadoras, normalizadoras ou ausentes: a literatura infantil retratando as diferenças. **Anuário de literatura**, v. 13, n. 2, p. 56-75, 2008. m:<<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/issue/current/showToc>>. Acesso em: 21 dez. 2010.

LOURO, G. L.. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, vol. 19, n.2,2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br.>>. Acesso em: 29 set. 2010.

MELO, E. A. de A.. Estudo de uma coleção paradidática de língua portuguesa. In: FERREIRA, Sandra de Almeida. **Livros, catálogos, revistas e sites para o universo escolar.** Campinas: Mercado das Letras, 2006.p.115-136.

_____. **Livros paradidáticos de Língua Portuguesa para crianças: uma formula editorial para o universo escolar.** 2004. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, 2004.

MUNAKATA, K. **Produzindo livros didáticos e paradidáticos.** 1997. 267 p. Tese (Doutorado) . Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

PAULINO, G. Sobre Lecture et savoir, de Anne-Marie Chartier. In: EVANGELISTA, A. A. M.; BRANDÃO, H. M. B.; MACHADO, Maria Zélia Versiani. **A escolarização da leitura literária: o Jogo do Livro Infantil e Juvenil.** MG: Autêntica, 1997.p.71-76

ROHDEN, F.. **Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher.** Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2001.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Recife: SOS Corpo, 1995.

SOARES, M. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy A. Martins; BRANDÃO, Heliana M. Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani. **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
WENDEL, F.. **Sexo: a hora é agora ?** O que você precisa saber para tomar esta decisão. São Paulo: Ática, 2007.